

O TELEGRAPHO.

O TELEGRAPHO, publica-se 2 vezes por semana, as quartas e sábados a tarde na Typographia Imparcial de J. J. da Silva Roza, rua da Paz casa n. 2, onde subscreevse a 40 500 por semestre e 85000 por anno pagos adiantados. As folhas avulsas custão 160 reis—cada linha de avisos ou correspondencia 80 rs, e sendo para assignante 30 linhas gratis, e as mais a 40 rs.

PERNAMBUCO.

CORRESPONDENCIA DO TELEGRAPHO.

Olinda 31 de Março de 1851.

Há muito que desejo entreter uma correspondencia para essa cidade por meio do seu conceituado jornal, a qual tivesse por fim pôr os seus leitores a par das occorrencias, que por aqui se dessem; porem razões bem ponderosas me removerão desta designio, até que em fim cada dia mais convencido desta necessidade, assentei de vender todos os obstatuculos, que se me apresentassem. Graças ao louvavel pensamento que se tem generalizado da recíproca correspondencia das provincias por cartas;—esta salutar ideia, que tantos benefícios tem de derramar sobre ellas, principalmente do Norte, que parecem fazer em completa orphandade.

Uma outra razão muito valiosa sobre tudo me veio acceitar na empreza: quero fallar do estado deploravel em que, ha mais de 2 annos, se achá essa comarca a respeito da falta absoluta de segurança para a vida e propriedade de seus habitantes; sem que jamais me constasse haver da parte do governo da provincia a minima providencia em seu beneficio!; ao passo que não chega a este porto vapor do Norte, que nos não traga sempre a infame noticia—"em Caxias deu-se mais este ou aquelle assassinato"—esta é uma regra por demais infallivel. E com isto nada mais pretendo sino chamar de modo o mais significativo a attenção dos Caxienses para este tão importante objecto, a fim de removerem, por todos os meios ao seu alcance, o perigo que tão imminentemente lhes está, clamando incessantemente por aquellas medidas, que mais de prompto lhes garantão tão sagrados direitos. E para que se nos não acuse de injusto, declaramos que ja lemos em um jornal da capital a lista que para o promotor d'ahi se antteu o presidente, por onde se vê que o numero dos assassinatos desde Dezembro de 49 até Janeiro de 51, ali commettidos, é a bagatella de 39!!! Ora, Deus queira que essa medida produza o effeito desejado, quanto mais quando conhecemos o actual promotor de Caxias, de quem nutrimos as mais lisongueiras esperanças sobre suas boas intenções em remediar tão grandes males, empregando ja suas actividades, ja sua reconhecida capacidade em melhorar este importante ramo da justiça publica. Poderia ainda dizer alguma coisa a este respeito, mas aguardo para outra vez, e mesmo será bom não passar de hoje ja os pios leitores.

Passarei a referir-lhe o que de mais interessante houver sobre o actual estado desta provincia. Ella goza de accego a par da esclarecida administração do Exm. Sr. Souza Ramos, bem conhecido aqui: elle não tem querido seguir a rotina má

de seus predecessores: tem deixado respirar os libérraes: tem-se conservado em certa esphera de independencia das influencias locais, pelo que tem desgostado a alguém: mas é o que não é da nossa conta.

Ha uns 3 mezes que não havia folha official, pôr quanto a *União* desunio-se, e estou-se: appareceu então o *Nacional* de estioitio e *Imprensa* (jornal), que estava só em campo, e tem-se batido calorosamente—quem seja o vencedor—o povo que o diga.

No dia 28 embarcou para o Rio de J. 2.ª batallião de artilharia para d'all seguir o destino que lhe der o governo. Não sei se será para a guerra do Sul, mas não ouço fallar muito em guerra de ali sim—que continue os preparativos bellicos de uma e outra parte: supponho que não se pegarão. Ja deve por ali saber-se que Rozas depois do fuzilamento do dia de Reis, mandou fazer outro: é um brinquedo que o diverte bem!...

A assembleia provincial abriu-se no dia 1.º de Março e tem continuado seus trabalhos, apresentando por ora do seu resultado o projecto, que fixou a força politica. Tão logo os outros se acharem em discussão. Também no 1.º deste começou a ter lugar os enterramentos no cemiterio do Recife. O povo tem murmurado, mas sem razão, pois era do que muito carecia a capital de Pernambuco.

Dois factos ha pouco tiveram lugar na villa de Iguaçu distante desta cidade 4 legoas, e mais graves se tornão, por isso que foram motivados pelo juiz municipal daquelle termo o bacharel Lourenço Bezerra Cavalcanti de Cunha, e os:—Um individuo d'ali perdeu uma carteira com 300\$000 rs. em cedulas; esta se achou por 2 mulheres, e que sendo sabido do seu dono, vai elle a casa do juiz municipal queixar-se: este faz vir as mulheres, as quaes confessarão ter achado a carteira, e que o dinheiro que nella encontraram fora dado ao marido de uma dellas, e que este o dera a José Clemente por um quartal; vem José Clemente e diz que todo o dinheiro que lhe dera o marido de dita mulher, era 80\$000 rs. preço do quartal, e que estava prompto a entregal, mandando-se-lhe igualmente entregar o seu quartal. Oh! fatalidade. José Clemente foi logo preso e confiscados os seus poucos bens, a saber: 1 escrava moça, cavallo, bois &c. Em balde implorou justiça encerrado no calabouço e privado de seus bens e da companhia de sua mulher e filhas, enfiou-se, e no seu furor lançou mão de uma faca e mata a outro seu companheiro, victima, a 6 mezes de prisão, do juiz municipal, e atirando-se sobre outro fere-o, resultando disto grande afardo, ao qual sobrevindo o carcereiro, ao abrir a porta da prisão, reou, e José Clemente sahi pela rua a cominhar lentamente até que chegando a porta de sua casa, e chamado pela mulher e filhas, é traioeiramente victima de uma machadada, que lhe descarregou um preto do nome Paulo; sendo o sacrificio consumado por muitas occedidas mandadas dar pelos sequaces.

1851

MAIO -JULHO = NS. 345,350,356-357

do inspector do lugar! A' que estado não ficou reduzida esta pobre familia, só pela cobiça de um juiz!! A escrava foi vendida por 300\$ réis, sendo metade para a nova e metade para os cartões, e isto por altos empenhos.

O outro é o seguinte: o Lóla (como é muito conhecido por este nome o tal juiz, uzirei della) em virtude de uma denuncia, que lhe foi dada de tentativa de morte por 2 individuos contra um outro, não effectuar a prisão; mas ao passar o indiciado pela porta da Lóla, esbe ao encontro da patrulha, que o escoltava, e diz que fica responsável pelo preso. Isto é que é proteger e entender bem de suas funções!

Agora para distrahi-lo da grande impressão, que naturalmente devia dar-lhe a narraçáo, que acabei de fazer; passei a dizer-lhe alguma coisa a respeito do theatro do Recife: é o melhor que tenho visto, e um dos melhores do Brazil. Acha-se nella escripturada uma semi-companhia Lyrica vinda do Rio, fazendo della parte a Sra. Marietta Bader, na primeira dançarina: é esta menina que fez a gente da orde ficar embasbacada, e que todo o dia pedem a Deus que ella para lá torne, e que o Capibaribe com seus encantos a não detenha sempre por cá. É esta mesma que tem dado gosto a rapaziada, que na verdade a sabe apreciar! faça idéias como não ficam elles, quando ella ergue-se na pontinha de um pé e eleva a outra perna, a ponto de ficar a perna elevada verticalmente perpendicular a outra, (permissão-me a phrase) ficando seu delicado cospinho em posição horizontal. E depois de assim conservar-se por 2 minutos faz uma piroueta, que durando por mais tempo ainda atira-lhe com o espiete por sobre a cabeça, em cuja occasião ouvi dizer uma moça cobrindo com as mãos o rosto. "Virgem Maria" e então á que chega o furor das palmas, dos bravos, bravissimos, e de todo que pôde enthusiasmar.

Nunca vi coisa que mais enoante! Basta: prometto que d'outra vez direi muito em menos palavras. Mas que escrever eu de Olinda é nada d'elle dizer!! é pois boa occasião. Chegou aqui no dia 27 de Fevereiro o Dr. Zacarias, e a 17 de Março, si bem me lembro, começou a leccionar o 1.º anno, cujo ensino é o direito natural; e então foi quando tive occasião de apreciar os altos conhecimentos: tenho gostado tanto e aproveitado que não perdi um dia se quer, que o não fosse ouvir. Explica com tal clareza, methodo e sciencia, que é digno de ser ouvido: preenche cabalmente o seu magisterio. Até a primeira.

CAXIAS.

COMMUNICADO.

Homenagem ao merito.

Fazem hoje 13 dias que o Sr. Dr. João de Carvalho Fernandes Vieira se acha revestido dos cargos de juiz municipal e delegado de policia d'esta cidade e ja o malféfico e pernicioso patronato estreboxa nos seus ultimos paroxismos, e as grandes influencias de todos os matizes politicos desencanarão-se que com um homem de caracter firme e resolutivo e independante como soe ser o Sr. Dr. Carvalho não só o dominio da lei hade imperar como igualmente

a justiça hade recuperar os seus foros. Si'n Caxienses os sceleratos ja fogem espavoridos e certos da punição legal que se lhes antolha, e com uma precipitada fuga procurão escapar as promptas, e bem combinadas providencias que o activo delegado vai dando para colhe-los. O Sr. Dr. Carvalho representando o simbolo da justiça desconhece todas as distincções, e na sua obra de regeneração no tocante as suas attribuições tanto fulmina o grande como o pequeno, tanto ao rico como ao pobre, tanto aos de um como aos d'outro lado politico, e pelo bom caminho que as cousas vão tomando na nossa terra é de crer que muito breve os Caxienses quando apparecerem n'outras partes possão andar com a fronte altiva e não sejam encarados como assassinos. O Sr. Dr. Carvalho hoje é proclamado, e juntamente considerado como o santelmo de Caxias. Oxalá que os levantissimos serviços que está prestando a este importantissimo ponto do Imperio sejam devidamente galardoados. Não dezanime o Sr. Dr. Carvalho em sua tarefa gloriosa pois que a maior difficuldade está vencida com o garrote que deo ao patronato.

Continue como principiou que a sua authority não só tornar-se-á cada vez mais prestigiosa e respeitada, senão tambem os seus serviços ficarão impressos na lembrança da população d'esta cidade e o seu nome para o futuro será reverenciado com veneração.

Por um seu admirador.

Caxias 3 de Maio de 1851.

DECLARAÇÃO.

— Não pude, nem devia consentir que á minha custa se praticasse um acto menos digno de respeito, e nullo!...

Um João Paulo que em 1849 trahio-me! um João Paulo que á poucos dias trahio a commissão central concorrendo directa, e tranpolinariamente para o enorme furamento d'uma chapa respeitavel (de deputado geras!) um João Paulo que em todas as assembléas eleitoraes quer ser escolhido secretario, ou mezarista, mas que não preenche o seu lugar, e deixa sobre os outros mezaristas todo o serviço que elle deveria fazer, dando-se apenas ao trabalho de percorrer essas ruas n'om lazão-zito, e no fim de tudo assigna o que os outros fazem! um João Paulo que cerroido de uma politica infame, sedento de influencia, e poder, corre ao Maranhão ás plantas, e perdão d'aquelles contra quem des-

leal e ingratamente acaba de manejar! é o mesmo homem que queria, ajudado de quatro outros automatos politicos, zombar da minha paciencia e prohibi-la mais uma vez!!!... *cuonsequetandem, corretorum, abutere patientiá nostrá!*...

Em verdade me sinto do pensar d'alguns outros correligionarios, mas ver-se o caso só e unicamente, sobre os executores de má acção: (nunca se entendendo isto com o Sr. João Baptista Ramada, que mostrou outra educação, outra sinceridade;) é o caso.—

Fizerão uma combinação, dizem elles, pois eu nunca fui d'isso partícipe; apesar da probabilidade de que eu comporia a mesa, por ser o primeiro, suppleto, nem assim houve delicadeza de se me ouvir: dado o dia, apresenta-se um systema de eleição que de perto me offendia, não tolerarei o methodo, fiz-lhes ver que atacavão os respeito que me são devidos na sociedade, alem de que se via em manifesta infracção a lei das eleições: tiveram a habilidade de me chamarem para a sacristia uma vez para me perguntarem o que eu queria, outra para me ameaçarem como partidario, e a terceira para me entreterem em quanto procuravão um homem que servisse de suppleto, e a porção na cadeia, que me era devida! vergonha das vergonhas para quem o pratica!!!... entretanto peço ao Snr. escrivão de paz que lavre a acta tal qual tinha occorrido, testemunho o caso, e retiro-me. No dia immediato vem a acta para eu assignar; (justiça ao portador, tratou-me attentosamente,) vejo que a redacção não é de conformidade com o occorrido, não assignei. Eis Snr. Redactor, em resumo o cezo que se deo entre mim, e alguns mezaristas do segundo districto no dia 27 do mez p. p., e o fim a que me proponho na presente declaração é fazer ver: primeiro, que um João Paulo não tem para mim, e talvez para muitos, merecimento algum politico, segundo, que ameaças intempestivas não me fazem retrogradar de meo dever e caracter, mormente de minhas prerogativas, terceiro finalmente, que não assignei a acta por não estar ella conforme, e que por conseguinte não estou sujeito a multa.

Seo Reverente Criado.

Jose Ricardo de Souza Neves.

Caxias 2 de Maio de 1851.

CORRESPONDENCIAS.

Snr. Redactor.— Não posso conter-me

com tantas, e tão repetidas divergencias politicas, que nesta localidade, e pelos seus habitantes são tão frequentemente praticadas! Temos como primeiro ponto de vista o seguinte:— que sendo o nosso distincto comprovinciano o coronel Feliciano Antonio Falcão appresentado por um seo predilecto a senatoria por achar nelle as qualidades exigidas para um honroso cargo, como o de senador, os mesmos seus comprovincianos são os proprios que mais guerra lhe tem feito, proferindo a um estranho (o Sr. José Mariani); quero dizer filho da Bahia, como se em nossa provincia não encontrassemos a cada passo homens idoneos, que podessem advogar os interesses de seus comprovincianos.... Ja não me refiro só ao coronel Falcão, porque diz o *Estandarte* ou o Sr. Mariani, que como soldado, elle o contempla, e por isso não entraria na chapa, com sua personagem; porem ao nosso patricio Joaquim V. S. Souza, homem distincto, honesto e verdadeiro patriota, homem finalmente que a sua vereda é virtuosa. Cremas que ninguem melhor do que o Sr. coronel Falcão mereceria ser contemplado na lista triplice, ja pelos seus heroicos e relevantes serviços, ja pela sua posição na sociedade, e finalmente ja pela sua independencia de caracter! Não seria uma ingratição, que praticavamos, se não reconhecessemos, que elle é talvez o unico militar da nossa provincia, que com mais denodo se tem distinguido, illustrando uma carreira assás respeitavel, eminentemente aos seus merecimentos? Levamos em vista os sacrificios por elle feitos, a prol da nossa provincia, e do Brazil inteiro.... Ainda repito, quem mais mereceria a senatoria, do que elle!... Fique o Sr. José Mariani bem persuadido, que se o coronel Falcão obtiver votos, a escolha do monarcha, é d'elle infallivelmente; porque n'elle existe um verdadeira sustentaculo da coroa imperial; por consequencia a preeminencia será sua. Não seria este o ensejo de aproveitarmos, para darmos uma prova d'amor e gratidão que lhe tributamos? por certo que sim; porem os ambiciosos, e mesmo um como o Sr. José Mariani, que vem arrbado aqui figurarem, calcando aos pés os corações sensiveis dos Maranhenses! infeliz provincia! Por ventura em toda sua extenção não teriamos homens de conhecida capacidade, para ser um dos nossos representantes? Será preciso coarctarem a espontaneidade dos eleitores, para votarem em um eggiato, refalsario, e hypocrita; como o Sr. José Mariani o é!!!... infeliz pro-

TELEGRAPHO.

O TELEGRAPHO, publica-se 2 vezes por semana, as quintas e sabbados e tambem na Typographia IMPARCIAL do J. J. da Silva Reza, rua da Paz casa n. 2, onde subscreeve-se a 4\$500 por semestral e 8\$000 por anno 57 PAGOS ABIANADOS. As folhas avulsas custão 160 reis—cada linha de avisos ou correspondencia 80 rs, e sendo para assignante 30 linhas gratis, e as mais a 40 rs.

RIO DE JANEIRO.

O GOVERNO, A SUPPRESSÃO DO TRAFICO, A DECISÃO DO CONSELHO D'ESTADO.

No *Jornal do Commercio* n. 69 de segunda feira, 10 do corrente, encontramos uma decisão do conselho d'estado, que em menos tempo do que esperavamos veio confirmar o que dissemos no ultimo n. de nossa folha, relativamente ao modo porque os novos ministros, para obterem do Sr. Hudson permissão de se conservarem nas pastas, vão procedendo e mandando proceder na suppressão do trafico!

Que lhes importa o estado do paiz, nem os grandes perigos dos nossos fazendeiros, si SS. Excs., os senhores ministros, vivem na maior segurança, e não podem por outro modo conservar as pastas?

O que vem a ser os riscos de vidas de milhares e milhares de fazendeiros á vista da necessidade que ha da conservação de SS. Excs. no governo do estado?

O que vem a ser os immensos prejuizos que ameaçam os nossos agricultores a par das commodos e regalias de SS. Excs.?

Não quer o Sr. Hudson, e não manda a Inglaterra que assim se proceda?

Como então, hão de os ministros proceder em contrario?

Não: isso é o que os *desordetados* querem: isso é o que os *republicanos desejam!* Como amigos da ordem e da monarchia não faremos senão aquillo que se nos ordenar, porque como sem o Sr. Hudson, não nos podemos manter, e sem o nosso braço poderoso vai a monarchia por terra, segue-se, que, embora pereça quem perecer, faremos unicamente aquillo que o Sr. Hudson nos ordenar!

Eis aqui, pelo que parece, como discorrem os nossos ministros.

Não por outro modo se pôde explicar o que estamos vendo: a decisão do conselho d'estado a que nos referimos, é a espada de Damocles que vai pezar dia e noite sobre a cabeça de todos os Brasileiros, saquaremas, republicanos, liberais, monarchistas; de todas que desde 1831 para cá, tem comprado africanos novos: vai levar o susto e o terror pelo interior do paiz, porque declara, que não só os que actualmente os possuem, como os que os venderão, e tem nelles negociada a vinte annos á esta parte, todos estão incursos nas penas da lei de 7 de novembro de 1831.

Assim pois decide o governo sob esse parecer do conselho d'estado, que não somente milhares de africanos, são livres, como que, de mais a mais, os que os trouxeram, os venderão, e os comprarão, todos, todos estão criminosos, faltando só que haja um *assalariado* que os denuncie, e juizes que os processarem!

Isto é insuadito!
Ora, quando os altos poderes do Estado, só por medo do *estran geiro*, procedem deste modo, o que resta a esperar?

Como admirarmos-nos de que n'um futuro mais ou menos remoto, tenhamos de soffrir as fataes consequências de tamanhos desatinos?

Só porque na cõrte tudo está em paz, cuida-se que o Brasil todo está como no Rio de Janeiro não ha perigo algum, porque temos tropa, e tropa *estrangeira* ja engajada e em serviço nos batalhões que ali estão, e a vida e fortuna de SS. Excs. estão bem defendidas, despreza-se por isso o resto do imperio, e se alguém levanta sua fraca voz em favor da tanta gente comprometida,

e que d'um instante para outro pode achar-se arruinada, é logo *accommetido* e alealhado de *desordeiro republicano etc etc.*

Não quem deve dizer palavra contra as *terminantes ordens* do Sr. Hudson, *pontualmente executadas* pelos *nosso exclusivos e valentes monarchistas!*

O que mais admira é a coragem com que o Sr. Honorio, um dos primeiros africanistas, assignou semelhante parecer.

Do Sr. Limpo não fallamos porque o desprezo a que é votado o *infame* desertor do partido liberal, ao depois de haver delle, recebido todas as beneficias que era possível alcançar, não merece que nos occupemos d'alma tão *abjecta e vil.*

Mas o Sr. Honorio não está nesse caso: suas fazendas—estão cheias de meias esras!—

Como então se animou a firmar uma decisão pela qual se condemnava a si proprio? Cuida o Sr. Honorio que por ser *cunselheiro d'estado* está izento das penas da lei de 1831?

Cuidão os ministros, que só por estarem hoje de cima, nunca poderão achar-se envolvidos nas *loucas deliberações*, e nos *horroris precedentes* que estão firmando?

Se—*monarchas*—temos nós viado serem processados, e *decapitados*, por virtude e força de leis, que em tempos felizes, *elles proprio sancionáram*, na expectativa de só apañarem as *cabeças de seus adversarios*; como é pois que entre nós os *miseraveis criados* do Sr. Hudson querem-se mostrar acima de tudo, e de todos, e não duvidão sacrificar a paz, e o futuro do imperio, a treco da prolongação de mais algum tempo de poder?

Por esse parecer do conselho d'estado, approved e mandado cumprir pelo ministro da justiça

vincia! Manifestai os vossos votos a um homem egregio como o Sr. Manoel Odorico Mendes, que está no caso de assim o ser. Finalmente sou provincialista; seja elle qual for, o que quero, é que seja filho da minha provincia; e vós Caxienses, velai sobre a votação d'um nosso patricio, nosso amigo, e nosso comprovinciano, o Sr. coronel Feliciano Antonio Falcão, não vos iludais pelas soltas e fôfas phantasias do Sr. José Marinho! Triste sorte, cruel destino, e a da minha provincia...

O Provincialista.

Sr. Redactor.—Acabo de lêr no n.º 260 do *Jornal Caxiense*, um famoso passivo assignado pelo analphabeto Querino Gonçalves Lima, e desde já declaro que não lhe darei o menor cavaco, porque seria descer da minha dignidade se me occupasse com um calunniador que não me merece o menor conceito; apresente-se outra qualquer pessoa a defender o Sr. Herculano de Souza Monteiro, que terá a devida resposta.

Concluo, por aconselhar ao tal calunniador, que o tempo que espenda em defender ao seu irmão deviria empregal-o em negocios que lhe desse algum interesse, bem como aquelle que pouco faz com o Sr. S... o qual foi-lhe tão vantajoso que metamorphoseou repentinamente a seu irmão Herculano em negociante de fazendas para o sertão. Ditosa condição, ditosa gente!

O Serralleiro.

Caxias 6 de Maio de 1851.

O TELEGRAPHO.

Ao nosso correspondente de Pernambuco.

Agradecemos ao nosso amigo a correspondencia que nos enviou, illustrando assim as paginas do nosso jornal: estimaremos que continue a prestar o seu valioso apoio a esuza que defendemos, quando ella se vê assaltada pelos golpes do despotismo e da corrupção. As paginas da nossa folha estarão sempre a sua disposição.

NOTICIAS LOCAES.

—A policia tem desenvolvido nestes ultimos dias uma actividade digna de louvor: as casas dos Srs. Firmo, Viveiros, e

Teixeira, a cabão de ser corridas, afim de ser capturado, segundo nos informão, a senhora D. Carlota. O actual delegado, ao que parece, está bem orientado a respeito dos negocios de Caxias; presiga S. S. no louvavel empenho de perseguir os criminosos, que grangaram a estima dos homens honestos e laboriosos, embora o detestem os assassinos e malvados.

—No dia 2 do corrente chegou a esta cidade o novo *requiso-Attache*, ex-juiz municipal, delegado da policia e inspector da instrucção publica. Apenas sou chegou foi immediatamente obsequiado com uma boa dose de febres; dizem cogitarem por este o premio do muito que Carlos lhe deve. Conta nos q' vai munido de cartas de recommendação, afim de ser nomeado promotor publico da comarca do Piahy, e lente de *retorica* do lyceo da mesma provincia. Deu queira que a lição que levar nesta cidade lhe sirva de proveito.

ANNUNCIOS.

JOZE Joaquim da Silveira, tendo de retirar-se para sua feitoria, e não lhe permitindo o seu estado de saude despedir-se pessoalmente de todas as pessoas que se dignarão visital-o, o faz por meio do presente annuncio, rogando-lhes hajão de desculpar uma falta involuntario. Caxias 2 de Mayo de 1851.

O ABAIXO assignado faz publico q' do lugar—Berity do Lamego—lhe roubaram um bauzinho contendo o seguinte—306\$+00 reis em prata valor antigo, (contendo o mesmo dinheiro uma moeda de ouro de 1\$000 rs. com um furo na beira) uma pente grande de prata, coberto de ouro, com 6 atracadores e uma travessa, tudo de prata coberto de ouro—3 varas de cordão, 6 aneis—4 atracadores para menina 2 cobertos de ouro e 2 por cobrir—uma e meia vara de collar, 2 voltas de contas de ouro grossas—uma imagem de S. Antonio—4 talheres e diversas roupas de senhoras. Quem der noticias certa onde parão algum dos mencionados trastes será bem recompensado. Caxias 5 de Mayo de 1851.

Manoel Rodrigues de Carvalho.

NESTA Typographia se faz quem tem para vender um Engenho de Serra Americana. Caxias 2 de Mayo de 1851.

Caxias Typographia IMPARCIAL do J. J. da Silva Reza, Rua da Paz n.º 2—1851.

Elzebio de Queiroz Coutinho
Mattozo da Camara, fica estabe-
lecido como principio, e rega,
que:

Tudo o africano que entre nós
se encontrar, embora tenha sido a
muitos annos comprado, e falle a
lingua portugueza, pode com tudo
ser declarado — liberto — se da com-
binação de suas tidades com a que
dissere ter quando vierão impor-
tados, resultar a SUSPEITA de
serem importados depois da lei de
7 de novembro de 1831!... Por-
tanto TODOS estão LIVRES!

Pois isto se faz, e se manda
publicar entre nós? Se depois
desta decisão, agitadas por si mes-
mas, ou por mãos occultas forem
se erguendo algumas massas, e
reclamarem por seus direitos, em
vista dessa mesma decisão — o que
fareis, senhores ministros?

Mandareis ainda em cima pren-
der e processar os fazendeiros se
os seus escravos forem suspeitos
serem da importada depois de
1831 para cá?

Isto é incomprehensivel!
Não ha exemplo no mundo de
haver-se procedido deste modo
entre os povos, que desgraçadame-
nte tiveram de lutar, e acabar
em a escravidão em seu proprio
paiz, não ha!

Esta loucura estava só reser-
vada para os homens que se jul-
gam os únicos capazes de gover-
nar nossa Patria!

Miseráveis poltrões!
Ainda mais!

Maldição a semelhante raça de
prothões, que não ha vergonha,
nem baixeza, que não pratiquem,
quando isso lhes é preciso para
conserarem as lucrativas pastas:
nada sabem fazer com geito, com
moderação, com tino: senhores da
força, tudo vai a troncos e bar-
ranco: d'ahi as desordens que
hão abalado o Imperio!

Já se falla d'essa esquadriha,
que da França se dirige para os
nossos mares!

O que querera?
O Brasil esta hoje feito bunda
de mãe Joanna onde todos batam
como, e quando querem!

Não tardars, que até o ex-celso
imperador do Hayty venha tam-
be a pedir-nos alguma satisfação!
Estamos em quadra de que todos

se devam aproveitar; o Sr. Hudson
deabusou nos nossos braços de
ferro; e vergando os até o chão,
a vista e face do Brasil indigna-
do, tem enfiado aos demais go-
vernos, que os nossos senhores
dominadores não passão de misce-
ráveis poltrões, e que quem tiver
contas a pedir chegue que é tem-
po de ajustal-as.

Senhores do ministerio! véde
que o Brasil inteiro não se reduz
a Certe do Rio: véde que o en-
caminhas para um abismo cer-
to, senão mudaes inteiramente de
rumo: de africanistas que creis,
vo transformastes em anti-africa-
nistas furiosos ficai embora com
as pastas, porém mudai mais uma
vez de conducta: pedi licença ao
Sr. Hudson para rexegetes quan-
to antes esse terrivel parecer; ou
ao menos, obtai a permissão de
não serem publicadas outras vos-
sas decisões semelhantes, porque
não precisamos de mais combus-
tíveis; esse só por si é bastante
para ABRASAR o Imperio.

Senhores do ministerio, este
vosso proceder não tem por fim
acabar com o trafico; tem, só,
sim, e unicamente por calculo de
algum anarchista o paiz. Vós
estaeis loucos, completamente lou-
cos, não véde o que fazia! Parai
emquanto é tempo!...

(Do Grito Nacional.)

PERNAMBUCO.

A SORTE DO PATRIOTA.

Ao Illm. Sr. Ignacio Bento de
Loyolla, meu amigo e compa-
nheiro de trabalho.

Prisioneiro, oh! prisioneiro!
Ter roubado a Liberdade!
Que feio, que atroz maldade!
M'arrojou ao paradeiro
Da perfidia e iniquidade!
COSTA JUNIA.

Steo preso, steo condemnado

A prisão perpetuamente,
Um inferno de martyrs,
Minha alma agora só sento.
Perdi minha liberdade,
Ando a par de malfeteiros,
Cheio de susto e d'horrores,
Quanta perfidia e maldade!

Ser livre é todo o meu crime,
Foi um monstro o meu processo,

Loucura meu julgamento,
O meu juiz um possesso!
Foi meu destino, meu fado
Por um algeoz resolvido;
Como e'eu fora u'bandido
Vim para aqui desterrado!

Desterrado sem socorro
Da lei, nem d'autoridade,
Soffro os reveses da sorte,
Passo afflieto a mocidade:
Supportando sede e fome,
Ouvindo os rancos do mar,
Sempre na Patria scismar,
Minha vida se consome.

Sem saber mesmo e' existo,
Sem ter noticias do mundo,
Pela saudade ralado,
Sinto o pesar mais profundo:
Vejo a morte bem de perto,
Pela mão d'algeoz trahida,
Sobre a minha triste vida
Descarregar golpe certo.

Tantos amigos, q'ou tinha,
Quando tinha felicidade...
Perdi grande parte d'elle:
Em perdendo a liberdade;
Tenho alguns,inda por graça
Do Céu divino e clemente,
Em lugar de tanta gente,
Que m'acornou na desgraça!

Que sorte, a do Patriota,
Como e' recompensado,
De andrajos vive coberto,
Como um pão amargurado.
Arrasta ferreos grilhões,
Soffre um labeo affrontoso,
Como réo e criminoso
Passa a vida nas prisões.

Qu'importa? eu desprezo os ferros,
Não m'intimida o desterro.
Serrei, querendo ser livre,
Querô viver neste erro:
Nunca avillei minha terra,
Soffro por minha vontade,
Por amor da liberdade
As tyrannos faço guerra.

Fernando, 18 de Julho 1850.
(Extr. das poesias do Sr. Dr. Vil-
lela Tavares.)

COMMUNICADOS.

Ha um partido no Brasil, que tem por
divisa — ordem sobre tudo. Ora a ordem
é uma necessidade indeclinavel de todos
os governos, e a vida permanente da so-
ciedade, e uma das bases principaes de
toda, e qualquer organização social em-
pionada pelos principios da sciencia; por

tanto não será nunca o predado exclu-
sivo de nenhum partido politico, nem
desta ou daquella forma de governo. Em
um paiz monarchico, ou republicano em
que a ordem te a desaparecido ao choque
das paixões desregradas, que estragão a
vida social, sechar-se o despotismo ou a
anarchia, e ausencia completa de todo e
qualquer elemento de vida e prosperidade
dos povos, porém nem o despotismo é a
ordem, nem tão pouca anarchia é liber-
dade. Ambos esses elementos sociais só
podem existir conjuntamente, a destrui-
ção de um importa o aniquilamento do
outro: é absurda pois toda e qualquer
theoria, que estabelecer o contrario. A
sociedade somente enche-se de vida,
conquista a gloria e realisa a justiça quan-
do os povos, e os governos sabem firmar
o consorcio da liberdade com a ordem!

Todavia a duração dessa grande alian-
ça não tem sido muito frequente na vida
das nações. Que o sabiamos na antigui-
dade somente a tiveram as republicas de
Athenas, e de Roma, e hoje talvez não
mais de duas ou tres povos livres, que
tem sabido comprehender as vantagens
da vida social. Mas será essa a ordem,
que exprime a bandeira waquarema? Será
mesmo esse partido tão dedicado a ordem,
que seus desvios seus arbitrios quando
no poder se possa explicar como conse-
quencias de um culto exagerado, que
elle consagre a ordem, ou por outra como
medidas indispensaveis para mantel-a?

Não, não é nada disso, a ordem que os
squaremas querem é outra, mais diversa.
Recorde-nos o que elles tem apreçado
da tribuna, e pela imprensa, e apelle nos
tambem para os factos. Na tribuna e na
imprensa elles tem dito, que o Brasil mar-
cha aceleradamente no caminho da pro-
gresso, e que é preciso retrogradar; que
se deve firmar o principio de autoridade
entre nós, e negar-se um partido, q'
procura destruir as bases do poder social.
Mas quanto não é capcioso, e hypocrita
essa linguagem desmentida continuada-
mente pelos factos? O Brasil é um paiz
novo, quasi nada tem conseguido, no seu
tema representativo, e quando uma nação
está neste caso regressar e voltar ao des-
potismo? Entendo o poder executivo e
todo, a fortaleza o mais apenas imposta-
ria a extinção dessas phantasmagorias
constitucionaes, no que todavia haveria
muita franqueza, mais lealdade, e mais
logica da parte daquelles que governão.

Segundo elles o partido turbulento, o
partido liberal, esse partido que tanto
sees no tempo sacrificado por amor do paiz,
em cabeças a premio, e tudo isso foi
feito por amor e em nome da ordem.
Eis ahi pois em que consiste a tão decan-
tada ordem dos squaremas, ordem que
nós combateremos sempre com todas as
nossas forças, porque é filha da violencia
e não da justiça. Nós não combateremos a
ordem, e entende-se que todos os gover-
nos devem mantel-a, mas não a ordem
dos squaremas, a ordem dos

Agora ajuntem-se a tudo isto as injurias,
os escarneos, que as folhas do poder lan-
çãõ tantas vezes sobre os hungaros, e
italianos, que morrerão por amor de sua
nacionalidade, e as homenagens q' cons-
tantemente dirigião aos degladores aus-
triarcos, que facilmente se pode compre-
hender, qual é a ordem que os square-
mas querem. Não obstante porém todo
isso, elles tem conseguido o que desejão,
o paiz retragada, o principio de au-
toridade se firma, e dessa constituição
miseravel, raagada, e matillada não resta
mais, que um vño phantasma, que já não
assusta aos que governão. Não era porém
essa a ordem de Athenas e de Roma, tem
a que devem desejar todos os povos cul-
tos; todavia a historia thobam nos falla
de uma espécie de ordem, q' existia nes-
ses paizes, quando de sua grandeza elles
cairão sob o jugo dos tyrannos.

E Tacito, que escrevia quando Roma as-
goniava entre o crime, e a virtude de
seus ultimos imperadores, dizia — do si-
lencio dos túmulos elles chamão paz. Em
verdade foi sempre essa a linguagem dos
oppressores; a ordem para elles é a
quietação de um povo escravo e suplici-
ado. Foi assim q' todos os despotas, tanto
antigos como modernos, a comprehendem.
E em seu nome praticarão todos esses
crimes que manchão as paginas da histo-
ria. Não é pois nova a mania dos gover-
nos, que invocão a ordem com o fim de
abobertarem as atrocidades q' commettem.

Os ordenes do Brasil são bons aprendi-
zes, achão maravilhosos esses exemplos,
e os tem tomado por norma. A ordem q'
reina, e ha reinado entre nós, é a que faz
pesar um jugo de ferro sobre um partido
inteiro, e a que se alimenta de sangue no
meio das proscriptões, e violencias. Não
é uma mera concepção do q' aqui escreve-
mos, com o fim de denegrir os nossos ad-
versarios. Quem tiver com a nossa his-
toria na mão acompanhando a serie de
factos, que se tem dado entre nós, depois
que nos constituímos nação, não poderá
deixar de confessar isso mesmo.

Em 23 tivemos depotações, em 24 os
supplicios do cadafalço, em 42 novas de-

em cabeças a premio, e tudo isso foi
feito por amor e em nome da ordem.
Eis ahi pois em que consiste a tão decan-
tada ordem dos squaremas, ordem que
nós combateremos sempre com todas as
nossas forças, porque é filha da violencia
e não da justiça. Nós não combateremos a
ordem, e entende-se que todos os gover-
nos devem mantel-a, mas não a ordem
dos squaremas, a ordem dos

povos, e não por amor de si, porque quan-
do os governos não promovem o bem dos
povos, e somente vivem sob o calculo de
mais frio egoismo, não é longa a sua du-
ração, e qual a do edificio arrojado em
suas bases, presta a desabar a qual
momento. Mas a ordem que dese-
jamos é aquella que assigna em todos os
actos o desenvolvimento pacifico da li-
erdade, e a que se conforma com o progre-
so e marcha da civilização. E assim que
a definimos, é assim, que a queremos, e
disto temos dado infinitas provas, quer
em nossos actos quer em nossas escriptos.
Se algumas vezes temos dirigido o go-
verno de paiz, nunca provocamos revoltas,
e nem nas assignamos, por meio de me-
didas violentas, e sanguinarias, pelo con-
trio embora contrariados procuramos sem-
pre fazer o bem; e se o não conseguimos,
ao menos nos não punge o remorso de
não havermos empregado os nossos esfor-
ços nesse sentido. A nossa imprensa ahi
está, ella tem sido o nosso forte baluarte
contra os implacaveis inimigos, o orgão
principal de nossas ideias, a expressão
de nossos sentimentos, ostentamente
temos tido a mesma linguagem, e defendi-
do sempre a mesma causa, mostrando
com que condições de liberdade, e ordem
deve ser dirigido o governo do paiz, em
que vivemos; e nesta tarefa continuare-
mos com a mais robusta fé em Deus, de
que um dia serão coroados os nossos
esforços.

Cada vez mais nos vamos
convencendo que, em certos mo-
ralistas d'agos doce, a liberdade
de exprimir o pensamento por
meio da imprensa vai transgre-
dindo as regras para tal fim
estabelecidas.

Ainda ha pouco, no sabba-
do passado, vieram á luz do dia
(antes viessem para serem metti-
dos d'infusão em borras d'azete
de mamona) toscos e nojentos
bocados da penna sempre de-
cidida mas inconsequente do nos-
so mui conhecido Demócrito.

Incommoda-o tanto os seus
escriptos, mesmo os de quem por
algum sentimento particular he
levado a render saudades a um
amigo fallecido, que se atira fu-
rto de onhas e dentes, sem
piedade nem decencia, ao autor
do soneto apocrypho enserido
recentemente no Telegrapho.
Da ira estimulo cego, ardente, e vago
Que a pregoz virginea, amega estrago,

Apezar de botar a livra-
ria afins, o frenesi e a ins-
lencia substituir a ao decor-
do e a sagrada pessoa d'
E. M. S. contra o qual profe-
ra a maior das blasphemias
uma das suas costumadas desen-
viltadas agriatadas: "muitas bes-
tas ha neste mundo que andam
com as maos levantadas por uma
bulla do Papa." Só a mais com-
pleta ignorancia, senão a mai-
atrevida malicia he que era es-
paz de escrever que o Papa
dava bullas a quadrupedos Ah!
lhe applicamos Despréaux:

Dieu préserve mon ouïe
D'un homme d'esprit qui m'ennuie
J'aimerais cent fois mieux un sot.

E tambem, em nome do
genetista, Sa de Miranda:

A conta schiomos má
Mas fadas ha cá e lá.

O parazo, se por ventura
o vulserassem, se o envadissem os
travadores da especie do nosso
martyr seria sem duvida menos
infeliz do que o mundo se fosse
povoado de Demócritos orgu-
lhosos e indiscretos como o que
aqui temos.

Queremos a censura, não
predominante que mais irrita
do que corrige, porém a cen-
sura comedida, embora as peças
sobre que recahir sejam consi-
deradas em grande estado de
infortuna, como a que deo
lugar á insportavel satyra.
Nada de desejos de satisfazer
paixões em prejuizo do com-
mum das cousas; nada de mas-
sadas em que nellas se offenda a
religião do paiz.

Epithetos affrontosos não per-
deam fraquezas humanas.

Honrando a litteratura pa-
tria com sublimes idéas a res-
peito dos dogmas de nossa fe,
emittindo principios seguidos pe-
la recta razão, e inspirando vir-
tudes, não só ganhará a morada
dos bemaventurados como será
venerado por todos os que a nam-
tivamente semelhantes qualida-
des.

Se a correção que deo es-
tivesse revestida d'aquillo a que
chamamos civismo e boa mo-
ra, haviamos de julga-la digna
de louvor, porque —
Ao viciozo e digno de reprehensão

o pejo d'aquelle homem, que se
envergonha mais depressa de
aprender, do que ser ignorante.
HORACIO. ART. POET.

Prosigamos.

A não ser coragem ou
desembaraço, não haverá na
linguagem dos homens (e na
das arábas?...) um unico vo-
cabulo que exorima sufficien-
tamente o que seria, se o autor
do soneto chegasse a assignar
o seu nome? Pois deversos o
Demócritos ter-se-hia afadigado
aponto de achar como que ti-
visse bebido um champurrião,
e por fim de contas não acha-
ria a palavra — imprudencia — ?
Talvez... Acreditamos a sence-
ridade, embrolhada nas falsas
côres da impostura; a cegueira,
que lhe não deixou ver na
mente o que seria.

Que pobreza filosofica!
O Platão.

O TELEGRAPHO.

CAXIAS 30 DE MAIO DE 1851.

Terminou hontem no collegio
eleitoral desta cidade a representa-
ção do drama — OS RENEGA-
DOS — ; votando os comparas
pelo parecer da commissão, o
qual excluiu do collegio os elei-
tores de S. José pertencentes ao
grupo Viveiros, e julgava vali-
da a sua duplicata; sendo com-
tudo tomados os votos em sepa-
rado. Eis o resultado da votação:
Dez José Mariani... 40 votos.
Com. Angelo C. Maniz 37 "
" Joaquim M. F. de Sá 33 "
Dez. Joaquim V. S. Sz. 10 "
Coronel Feliciano A. F. 4 "
Com. João P. D. Carne 2 "
A duplicata de S. José, votos
a carga certada nos Srs.
Dez. José Mariani... 16 votos.
Com. Angelo C. Maniz 15 "
" Joaquim M. F. de Sá 16 "

O Sr. Mariani deve sem-
pre da ofanar-se por possuir na
cidade tão humildes e fieis servos
pois que do contrario não con-
taria um só voto neste collegio;
só os renegados da quadra ac-
tual serão capazes de presta-
reos votos a um sanguinario aven-
tureiro, esquecendo-se dos nos-
sos benemeritos comprovincia-

nos Joaquim Viçô, e coronel
Falei; um dia porém, posto que
tarde, reconhecerão o seu erro, e
depois lhe conceda tempo para o
arrependimento.

Cartas, hontem recebidas da
capital, dizem ter ali chegado no
dia 12 do espirante o Exm. Sr.
Dr. Eduardo Olimpio Machado,
presidente nomeado para esta pre-
vincia. Esta noticia foi saudada
com immensas foguetes, e de-
monstrações de jubilo, pelos sa-
quaremes desta cidade, que, con-
fiados nos precedentes de S. Exc.
esperão que se não lançará nos
braços de uma camarilha freneti-
ca e delirante que tudo sacrifi-
cará para graangear o apoio da
primeira autoridade da provincia.

O nosso sargento a esta hora,
deve de ir sulcando os mares, e
a maldizpando talvez a aquelles
que o impellirão a fazer uma
tão pessima administração. As
maldições dos maranhenses hon-
radae, o acompanharão eterna-
mente.

— Havia igualmente chegado o
vapor Caxiense, o qual em breve
deveria fazer a sua primeira
viagem.

AVISOS.

NESTA Typographia se diz
quem vende ouro em pó.
Caxias 23 de Maio de 1851.

FUGIO de Cratú a uma
Sra. de nome D. Mathildes, um
escravo de nome Zacharias, que
pertencerá depois de sua captura
ao Sr. Tenente Coronel Antonio
José d'Araujo Bacellar, cujo es-
cravo tem os signaes seguintes: —
cabra, de idade de 22 a 26 annos,
baixo, barbado, muito fallante,
tem um pequeno talho no beiço
superior, havendo noticias ter o
mesmo procurado esta cidade ou
suas vizinhanças: quem o prender
entregar nesta cidade ao Sr.
Belizario Martins Vianna, ou a
José Teixeira Mendes em sua fa-
zenda Santa Rita na margem do
rio Itapucurú será dignamente
recompensado. (1)

Caxias, Typ. IMPARCIAL de José João
da Silva Tezsa, Rua da Paz n. 2 — 1851

O TELEGRAPHO.

O TELEGRAPHO, publica-se 2 vezes por semana, ás quartas e sabbados a tarde na Typographia de
J. da Silva Tezsa, rua da Paz n. 2, e custa 1000 reis por semestre e 5000 por anno. As folhas avulsas
custam 100 reis. As folhas avulsas de 12 reis. As folhas avulsas de 20 reis. As folhas avulsas de 30 reis, e assim por
diante. As folhas avulsas de 40 reis.

RIO DE JANEIRO.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS
ESTRANGEIROS.

Discussão entre o Governo Impe-
rial e a Legação de S. M. Bri-
tannica sobre a applicação do
art. 18 da convenção preliminar
de paz, celebrada em 27 de agosto
de 1828, no caso de se terem de
romper as hostilidades entre o
Brasil e a Confederação Argen-
tina.

N. 23. — NOTA DA LEGAÇÃO DE
S. M. B. AO GOVERNO IMPERIAL.

N. 33. — Legação Britannica — Rio
de Janeiro, 12 de Março de 1851.

O abaixo assignado, Enviado
Extraordinario e Ministro Plenip-
tenciario de S. M. B., tendo
informado o seu Governo das
dificuldades que infelizmente se
suscitaram entre os Governos do
Brasil e de Buenos-Ayres, rece-
beu instrucções para chamar a
atenção do Governo Brasileiro
sobre o art. 18 do tratado preli-
minar da paz, concluido entre o
Brasil e Buenos-Ayres em 27 de
agosto de 1828, de baixo da me-
dição da Gran-Bretanha; no
qual se concordou em que, até á
conclusão de um tratado definiti-
vo de paz entre ambas as Poten-
cias, não poderam-se renovar as
hostilidades entre ellas antes de
expirados os cinco annos; e n'este
caso, só depois que a parte que
pretendesse recommear as hostili-
dades tiver feito prévia notifica-
ção seis mezes antes á outra parte,
com conhecimento da Potencia
mediadora.

O abaixo assignado tem ordem
de informar ao Governo do Brasil
que o de S. M. B. he de opinião
que o artigo em questão he ainda
obligatorio para os Governos do
Brasil e Buenos-Ayres, visto que
até agora não se tem concluido

algum definitivo entre
ellas, e por isso se requer que ne-
nhum d'esses Estados comice
hostilidades contra o outro, sem
ambos darem á outra parte con-
tractante e á Gran-Bretanha,
Potencia mediadora, a prévia no-
tificação estipulada pelo tratado.

O abaixo assignado outro sim
tem ordem de informar ao Gover-
no Brasileiro que o Ministro de
S. M. B. em Buenos-Ayres rece-
beu instrucções para fazer á Con-
federação Argentina uma com-
munição semelhante á que se
contém n'esta Nota.

O abaixo assignado, levando
ao conhecimento de S. Exc. o
Sr. Paulino José Soares de Sousa,
Ministro e Secretario de Estado
dos Negocios Estrangeiros, as
instrucções acima do Governo da
Rainha, aproveitou-se d'esta occa-
zião para renovar a S. Exc. a se-
gurança de sua alta estima e dis-
tincta consideração.

A S. Exc. o Sr. Paulino José
Soares de Sousa, &c., &c., &c.
James Hudson.

N. 24. — NOTA DO GOVERNO IMPE-
RIAL A LEGAÇÃO DE S. M. B.

N. 32. — Rio de Janeiro. — Ministe-
rio dos Negocios Estrangeiros,
em 24 do abril de 1851.

O abaixo assignado, do Con-
selho de S. M. o imperador, Minis-
tro e Secretario de Estado dos
Negocios Estrangeiros, recebeu a
Nota que em data de 12 de março
proximo passada, sob N. 33
lhe dirigio o Sr. James Hudson,
Enviado Extraordinario e Minis-
tro Plenipotenciario de S. M.
Britannica, e pela qual, em virtu-
de de ordens do seu Governo,
chama attenção do Brasil sobre
o art. 18 da convenção prelimi-
nar de paz, celebrada entre o
Brasil e a Confederação Argen-
tina em 27 de agosto de 1828.

de baixo da mediação da Gran-
Bretanha.

Entende o Governo de S. M.
Britannica que esse artigo ainda
obriga o Governo do Brasil e o
de Buenos-Ayres, por quanto ne-
nhum tratado definitivo foi con-
cluido entre ambos, e portanto
que nenhum dos dois Estados
pode romper em hostilidades con-
tra o outro, sem satisfazer o que
exige o citado artigo.

O abaixo assignado observará
em primeiro lugar ao Sr. Hudson
que o artigo citado refere-se ta-
xativamente a um rompimento
proveniente de questões em que
ambas as partes não concordem,
relativas ao ajuste definitivo de
paz, affiançado pela convenção
citada. Ora, não se tem tratado,
porque o Governador de Buenos
Ayres nunca se quiz prestar a isso,
d'esse tratado definitivo de paz,
sem se trata d'elle. As questões
pendentes entre o Brasil e o Go-
vernador de Buenos-Ayres não se
referem a similhante tratado, não
proteem de questões que lhe sejam
relativas. O art. 18, portanto,
não he applicavel.

Observará mais que, ainda
mesmo que o art. 18 da conven-
ção de 1828 não limitasse somente
no caso figurado, não seria ainda
assim applicavel, porque trata
somente de um rompimento de
hostilidades entre o Brasil e Bue-
nos-Ayres.

Ora, as questões pendentes en-
tre o Brasil e Buenos-Ayres não
são de natureza tal que tenham
de trazer um rompimento de
guerra d'aquelle contra este
Estado. Ao menos o Governo
Imperial não tomou a resolução
de romper em hostilidades contra
ellas, e não lhe poderia portanto
cortar a obrigação (sendo applicavel o artigo) de fazer o intimo-
ção de que elle trata.

Como o Sr. Hudson verá de

Tivemos apenas um Pedro I. Mas qual o fim de seus dias vive...

Tudo mais é assim... E onde haver um outro estímulo para despertar esse nobre sentimento já tão amortecido entre nós?

Neste estado já não vimos outro meio senão callar, e gemer como muitos outros, que deplorão no silencio da noite...

Embora contra nós conspirem sempre a ambição, o egoismo e a indiferença; embora a igual sorte nos depare com os mesmos algures do infeliz Nunes Machado...

Preferiremos, tornamos a dizer, viver errantes entre gentios, que ao som do malfico e enganoso monarchico — constitucioanal — hereditario...

Para haquem, que se dizem sem civilizados, só serve concluir por onde principiaram: roubar africanos, e naturalisar portoguezes...

destes elementos não ha ordem, não ha segurança para os regentes...

Mas, não se preferimos a morte a todas as grandezas desta podre actualidade; quer no campo, quer no gabinete; quer na guerra, quer na paz...

Viver em cadeia, Que triste viver; Morrer pela patria, Que doce morrer.

A GUERRA DO SUL.

Cercada noite e dia dos mais tristes preconceitos sobre esta claridade publica ainda ra defensiva quanto mais no intuito de egredir, em que se acha o governo do Brasil...

Que a guerra de uma nação ainda antiga e poderosa em meios e razao, nunca deixou de carrear sobre os seus autores o odio, e maldição e a virganza dos povos presentes e futuros...

Além disto, e de mil outras razões que allião aos olhos de todos, da-se o inconveniente publico e geralmente sabido, de se achar a nação manifestamente dividida em dois ou mais grupos politicos...

Em cima disto, convém não desattender a antipathia geral, q' na maioria da nação resumbr a cada passo contra a actual forma de governo...

Ora, se para uma justa defesã não se pode prescindir de todos esses ingredientes; se para trocar-se a paz pela guerra, se torna indubitavelmente necessario um ex-ferço; uma dedicação sobrenatural, ou por outra, que se dê no

povo uma razão de agradecimento pela beneficiosem par pelo seu governo progradis; não ha-verá esta, fallando accellis; e sendo a guerra declarada não por um interesse nacional, e nem em sua defesa...

Quem quer que partir das premittas estabelecidas, não poderá concluir senão consequentemente comtudo, e de com o assim astaga se deve reputar uma declaração semelhante, melitando contra toda essa cadeia de factos...

Só uma obstinação sem exemplo poderia arrastar os homens do governo a dar um passo tão falso, como contraditório, devendo ter em vista as tendencias do povo, e o mau humor que este lhe vota, por estar persuadido, como nós, que o fim desse drama não pode ser outro...

Em consequencia, agouando todo o mal ao paiz, e muito a mais ao governo, inclinamos nos a crer que só desta modo melhormente se propriaria o veneno desejado contra a caza reinante...

A não dar-se isto como meio, nós não vemos uma outro só razão plausível, para se proceder com tanta má fé, contra nações vizinhas, cujo primeiro elemento de seu governo e estabilidade, é o apoio da forma de governo...

rem-se os actuaes ministros, como seus mais encarnicados inimigo.

Desejando de todo o coração a paz e o engradecimento de nos o paiz, lamentamos seu triste futuro, a preponderarem tão falsas e perniciozas suggestões, que fazem as delicias do actual governo sobre o unico throno da America.

(Do Juiz do Povõ.)

O canto do pseudo constitucional (?)

Eu sou um ente sem creanças, Sem consciencia e razão; Não se me dá que se perca A monarchia, a nação; E' minha patria a barriga, O meu rei, meu alcorão.

Quem quer q' o poder empolgue, Tem em mim prompto freguez; Sou idolatra constante Do ouro do portuguez; Ora o iaglez vitopere; Ora affago e beijo o inglez. Quando faz o ministerio Minha fortuna e dos meos; Quando o throno me concede Alguns dos despachos meos; São os ministros meos anjos, E' o monarcha o meu deus.

Então estremado ordeiro Me proclamo, e monarchista; Chamo de bode e vermelho, De rebelde de anarchista, De banditão; de assassino — A quem não é governista — Atassalho com meo dente, Venenoso de dragão, Merito, honra, e virtudes A melhor reputação; E para a paga a policia, Aos lussos estendo a mão. Mas quando por esse rumo O vento me sopra mal, Viro de bordo, e levanto Bandeira de liberal, E fuzioso me torno Demagogo — sem igual.

Desfecho contra os meos id'los Na sanha mais desabrada; Sou lusophago tremendo; Sou tremendo regicida; E lago a canalha — povo — E' irmã da minha vida.

(?) Composto pelo mesmo heceter do Canto do Liberal — inserto no Constitucional numero 1.

Si o ministro, ou presidente, Vendo a minha apostasia, Do pão do ló me contenta Co' a respirada fatia; De novo eis me vil escravo Do poder, da monarchia.

Como não posso as virtudes Das liberaes imitar, E' meo despique essa gente, Que eu admiro, insultar, Bem que saiba que é debalde Querer seu nome infamar.

Adoro o sol quando brilha, E o apedrejo, ao se pôr; Semente a meos interesses; Minha gloria e ventre cheio; Meo credo é ser ganhador.

Muitas vezes os partidos Alternado cumprimento — No banquete do que vence, Para o brindar tomo assento, E do vencido na frente Dou o eo couce de jumento. Bo em fim não tenho creanças, Nem systema e opinião; Não me importa a monarchia; E' minha patria a barriga, O meo rei, meo alcorão.

CAXIAS.

CORRESPONDENCIAS.

Snr. Redactor. — Lendo o Fa-rol de 12 do corrente, vi a sanha com que o Amigo do Sr. Bertolino, ou claramente fallando, o ente de palavras nullas, o trouza de mentiras, o fardo de embustes se apresenta no publico dando coices e patadas que estremece a gente! Coitado!!!

Pebre lapuz!!... Espere lá, nhô Berto, não se bote a perder! Deixe-se de tantos idones, homansa &c., explique-se em termos mais intelligiveis; antes esigmatizar somente com os cascos, que acrescentar a pena de ter esses sinonimos; pois com isso mostra distinctamente que essa triste cabeça com dois buracos id existe mentiras e mais nada.

qualidade de farão e trouza, pôde sem vergonha nem peijo soltar palavras que embebede os leiteres. Finalmente, nhô Berto, nhô trouza, nhô fardo para nos barmos com isto, chamo a responsabilidade, que que profero o que disse

O M. de gato.

Snr. Redactor. — O acto de justica que acaba de praticar o Illm.º Sr. Dr. chefe de policia, para com o Sr. Egidio Gomes de Jesus, é digno de louvor, e por isso apresso-me em communicar-lhe. O Sr. Egidio, na qualidade de carcereiro interino da cadeia desta cidade tem sabido manter-se por tal forma que tem grangeado a estima tanto dos seus superiores, como dos presos confiados a sua guarda; achando-se a escripturação da mesma cadeia da maneira que era para dezerar; motivo este pelo qual o Illm.º Sr. Dr. chefe de policia acaba de aprovar a sua nomeação, deixando assim descontentes a alguns pretendentes, que se julgavam com direito a esse lugar, apesar de suas reconhecidas incapacidades.

O Observador

NOTICIA LOCAL.

O Sr. tenente Francisco Gonçalves Pereira Luna, q' havia sabido em deligencia, acba de fazer uma colheita de criminosos de morte, entre os quizes conta-se o FAÇANHUDD Zacharias Fernandes dos Reis assassino de sua propria mulher. Os presos serão entregues na Pindova ao Sr. alferes Pires, a qual chegou hoje a esta cidade que os tinha hido encontrar, tendo o tenente Luna ordem para continuar a perseguir certos criminosos.

VARIEDADE.

A VIDA DO VADIO.

Innundatio caemtorum erruit me. — O homem pobre quando não trabalha é porque não tem em que ou porque, nascido na opulencia e recebendo uma educação relativa

o caso da infortuna, é-lhe
teiramente impossível sujeitar-se
a uma vida que radicalmente re-
pugna com a delicada educação
que lhe derão. Conhecemos qua-
ntos casos em que falta este pensamen-
to, mas isso não é a regra de uma ex-
cepção, e não fallamos em regra.
Portanto, já se vê que não imos
fallar do pobre, d'esse que desti-
tuído de meios para viver, só é
procurado para se lhe chupar o
suar. Fallamos sim dos ricos, d'es-
ses que por meios licitos ou illicitos
e mais que os fins satisficão os
meios, conseguem collocar-se em
uma posição como que independen-
te. Semelhantes homens são
perniciosos á sociedade, e odiosos
a si. Totalmente desoccupados,
mas constantemente agitados por
um espirito de criminosa curiosi-
dade, elles apenas têm casa para
dormir e comer, havendo alguns
que nem a têm, e outros que, se a
têm, desfrutão sempre a alheia,
mendgando as mesas d'aquelles,
de quem se dizem amigos, mas
sempre com o duplice fim de gan-
har e colher novidades para ir
lançar-las de porta em porta. As-
sim agitados por um tal prurido,
elles não amanhacer, saltão deses-
perados da cama, procurando a-
presurados com que cobrir a pelle,
seil-os á caminho pela porta fóra,
saltando e massando á quanto
bitado encontram desde manhã
tando de sua vida, ellesahi vão
e encaixarem-se em alguma lo-
ja. Eisahi o seu melhor lugar.
Sem reflectirem no prejuizo que
causão aos logistas, pois que os
compradores fogem da presença
d'esses homens já conhecidos por
tesouras, sem reflectirem em si
mesmos, que assim se tornão odio-
sos á todos, elles só querem ter em
que tasquinhar, dividindo o seu
alimento diario em duas partes.—
política e vida privada.—Não ha
Acto do Imperador, do governo,
d'assembléa, de um inspector de
quarteirão em fim, que esses ho-
mens não julguem sujeitos ao ca-
vinho de suas opinões, e abrindo
sobre elles a discussão, é o melhor
creio que pode achar um ho-
mem de intelligencia e instrucção
e debicndos, pois que desprega-
dos de todas as relações, e só va-

ses homens não sabem compre-
hender a realidade da cousa. Um
diz um despropósito, outro om-
tolice, este um d'atemporo, aquel-
le uma bestialidade, por fim beste-
jão todos, escolasticamente fal-
lando. Mas esta orgia pelavroria
que só se faz enjoeativa muda mui-
to de importancia, quando entrão
na segunda parte da ordem do
dia—vida privada.—Então é que
se conhece a malvadez d'esses ho-
mens, refinada talvez pela occio-
zidade em que vivem. Não ha
parte por mais recondita que seja
do lar domestico, que esses ho-
mens respeitem, e quanto mais o
invadem, mais risonhos brilhão
os seus semblantes. Tal é o pra-
zer q' anima tão corruptas almas!

Entrando em casa (aquelles
que a têm) para comer (aquelles
que não se aboletão para quotisar
os amigos), elles não sabem se
comem, nem aprecião o comer,
se ao seu lado não está um bom
scolyto com quem possão conti-
nuar a dar panto a viperina lin-
gua, inquieta que parece querer
sahir-lhe pela boca, se não se lhe
offerece oportunidade para ir
mordendo, e quando se os procu-
ra na casa, ja elles estão na rua
em busca de novidades. Se chega
o correio, elles são os primeiros
ha querer saber as noticias, e para
isso ja estão por casa dos amigos
assignantes dos periodicos, ha es-
pera que elles cheguem para de-
vora-los de meia cara, pois que
nenhum d'elles gasta dinheiro
n'isso. E quantas vezes está um
negociante agonizado com uma
noticia que acaba de receber, ahi
está o diabo do massante a aug-
mentar-lhe o incommodo com sua
presença, e com sua colheita de
novidades! Oh! que homens in-
supportaveis! Que homens im-
prudentes! Que falta de juizo!
Que carencia de reflexão! Oxalá
que estas carapuças achem cabe-
ças em que se ajustem.

Zoroastro.
(Extraído.)

AVISOS.

DOMINGOS da Silva Porto,
não podendo, como lhe cumpria

pessoalmente agradecer aos seus
amigos, e mais Sra. que se dignou
rão honral-o, se serve deste meio
por falta de tempo. Caxias
Julho de 1851.

TENDO José de Britto
cessado de administrar a
cidade a casa de meo Pai o Sr.
Antonio Francisco da Silva Por-
to, tenho hoje entregue a admi-
nistração da mesma ao Sr. Anto-
nio Luiz Fonseca, que para tudo
se acha authorizado. Caxias 5 de
Julho de 1851.

Domingos da Silva Porto. (1)

NESTA Typographia
se diz quem tem para vender uma
balança grande com braço de
Romão & Companhia, bem como
uma armação de Loja em bom
estado e por commodo preço.

ACHA-SE a venda nesta
Typographia a nova lei da Guar-
da Nacional, impressa em bom
papel e por commodo preço.

AO abaixo assignado fugio,
no dia 8 de maio deste anno, o
seu escravo Luiz, cabra, de ida-
de de 21 annos, resto redondo,
pescoco curto, pouca ou nenhuma
barba, tem entre os peitos um
carosso, signal este proveniente
de uma queimadura de fogo; é
bem espadado, altura mediana;
tem algumas cicatrizes de relho,
trabalha bem de machado, e su-
frivelmente de enchó; foi do casal
do falecido Joaquim Antonio
Ferreira de Veras, e ultimamente
de Antonio Alves Pefeira. Quem
capturar o mencionado escravo,
e o entregar nesta Villa ao an-
nunciante; em Caxias ao Sr. An-
tonio José Villa-nova; em Oeiras
ao Sr. Tiberio Cezar Burlamaque
em Campo-maior ao Sr. Pedro
d'Araujo Costa, na cidade da
Parnahyba ao Sr. José Coelho de
Miranda, será generosamente re-
compensado. Paty 5 de Junho
de 1851.

Joze d'Araujo Costa. (4)

Caxias, Typ. IMPARCIAL de José João
da S. Roza, Rua da Paz n. 2—1851